

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
LABORATÓRIO DE GESTÃO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE

Vitor Manuel Nogueira do Rosário Lemos

GERAÇÃO BEAT E CONTRACULTURA NOS EUA:
percursos e continuidades

Rio de Janeiro

2009

Vitor Manuel Nogueira do Rosário Lemos

**GERAÇÃO BEAT E CONTRACULTURA NOS EUA:
percursos e continuidades**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio como requisito parcial para aprovação no curso técnico de nível médio em saúde com habilitação em Gestão em Serviços de Saúde.

Orientador: José Roberto Franco Reis

Rio de Janeiro

2009

AGRADECIMENTOS

À Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, onde me formei pelo Ensino Médio.

Ao meu orientador, José Roberto Franco Reis, cujo incentivo e ensinamentos foram fundamentais para a concretização deste estudo.

À minha família, que está sempre ao meu lado quando preciso.

Aos meus amigos, que me apóiam e me divertem bastante.

À minha grande paixão, Vasco da Gama, que embora já tenha me desapontado algumas vezes, me proporciona momentos de grande alegria. E neste ano de 2010, estou certo que títulos virão.

RESUMO

Minha proposta de trabalho é apresentar o contexto sócio-histórico do pós-II Guerra dentro dos EUA, dando enfoque à emergência da chamada Geração Beat, um movimento composto por escritores e artistas, que revelavam, através de suas obras e de suas próprias atitudes, um descontentamento grande em relação à sociedade em que viviam. Os *beats* desejavam um novo modo de vida, que fosse mais livre, autêntico e ausente de tantas regras, indo então na contracorrente do conservadorismo e consumismo exacerbados que estavam impregnados na sociedade americana. Seus escritores davam expressão artística a um inconformismo latente dentro do país, lançando algumas obras valiosas, que ganharam notoriedade no final da década de 50. Entender um pouco sobre a Geração Beat é importante para se compreender o surgimento de alguns movimentos da *Contracultura* americana dos anos 60, que resgatam alguns valores dessa Geração e tomam outras dimensões.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO POLÍTICO E SOCIAL NOS EUA DO PÓS-II GUERRA MUNDIAL	7
2 O SURGIMENTO DA GERAÇÃO BEAT	14
3 DA BEAT À CONTRACULTURA	27
4 CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

Cheguei a este tema após alguns meses e algumas descobertas. Sempre tive um interesse grande por História, principalmente sobre o século XX. Tendo nascido no final dele, considero importante descobrir e conhecer um pouco da realidade que meus avôs e pais viveram, e que, conseqüentemente, se reflete até hoje. Então, comecei a ler sobre alguns acontecimentos no Brasil e no mundo, ocorridos neste século, definido pelo grande historiador Eric Hobsbawn, de *breve século XX*. Quando no ano de 2008, começaram a ser lançados alguns livros e realizados alguns documentários em decorrência dos 40 anos de maio de 1968, isso me despertou interesse pelo assunto. Motivava-me o objetivo de tentar descobrir o porquê daquele ano ter sido tão importante e significativo, pois achava uma visão muito romantizada a de que, em apenas um ano, o mundo inteiro teria vivido grandes revoluções e todas as perspectivas em relação à sociedade começaram a mudar. Como quase tudo na História se trata de processos, iniciei uma busca atrás de acontecimentos ou outras coisas que poderiam ter levado a ocorrência de tantas revoltas e manifestações no ano de 1968, e toda aquela década de 60. Quando, em algum livro, vejo as palavras *Beat Generation* (Geração Beat), que nunca tinha ouvido falar. E no tal livro, dizia que se tratava de alguns jovens escritores americanos, que demonstravam grande inconformismo em relação à sociedade que viviam, na década de 50. Achei aquilo bem interessante e comecei a pesquisar sobre a tal *Geração Beat*. Não se tem muitas publicações no Brasil sobre o assunto, mas nos poucos livros que li, percebi algo que considerarei bastante relevante e poderia ser inclusive tema de meu estudo. Ou seja, de que nos EUA, existia uma relação entre a *Geração Beat* e as ocorrências da década de 60. Comprei alguns livros destes escritores, iniciei uma breve pesquisa e descobri provisoriamente que alguma relação existia. Perceber até onde essa relação ia, além de conhecer mais profundamente sobre tal Geração, seria de fato um bom tema de monografia. Iniciei então uma investigação sobre o tema e o que ora se apresenta aqui é resultado dessa investigação

O trabalho então se encontra dividido em três capítulos:

- Primeiro capítulo – Faço um breve estudo sobre o contexto histórico em que surgiu a chamada *Beat Generation*, onde exponho acontecimentos e transformações ocorridos dentro da sociedade americana que possuem alguma relação ou exercem algum tipo de influência para o surgimento desta Geração.

- Segundo capítulo – Estudo a *Beat Generation* propriamente dita, refletindo sobre as condições sociais em que se deu seu surgimento, suas características principais quanto aos pensamentos e atitudes dos chamados *beats*, além de conhecer um pouco sobre seus principais escritores, expondo suas obras e possíveis influências.
- Terceiro Capítulo – Ao conhecer um pouco sobre as características da Geração Beat, faço algumas considerações sobre acontecimentos e personalidades da década de 60, com o objetivo de refletir como a emergência dos beats foi de grande relevância para o surgimento de alguns movimentos sociais, que compreenderam toda a chamada *Contracultura* nos EUA.

1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO POLÍTICO E SOCIAL NOS EUA DO PÓS-II GUERRA MUNDIAL

No pós-guerra os Estados Unidos saem bastante fortalecidos, e definitivamente, são considerados como os grandes vencedores, já que não sofreu qualquer tipo de dano em seu território, diferente dos países europeus, que foram totalmente devastados pela violência da guerra. Tal situação fica bastante clara ao vermos que entre 1941 e 1945, o PNB (Produto Nacional Bruto) americano aumentou em dois terços, e, em 1945, o país contava com dois terços da produção industrial do mundo. Em 1950, o PIB per capita dos EUA era o dobro do da França e da Alemanha e mais de cinco vezes o do Japão. Os Estados Unidos agora, pela primeira vez, assumem o posto de potência capitalista mundial hegemônica, onde veríamos principalmente nos anos 50 e 60 a economia americana viver os seus *anos dourados*.

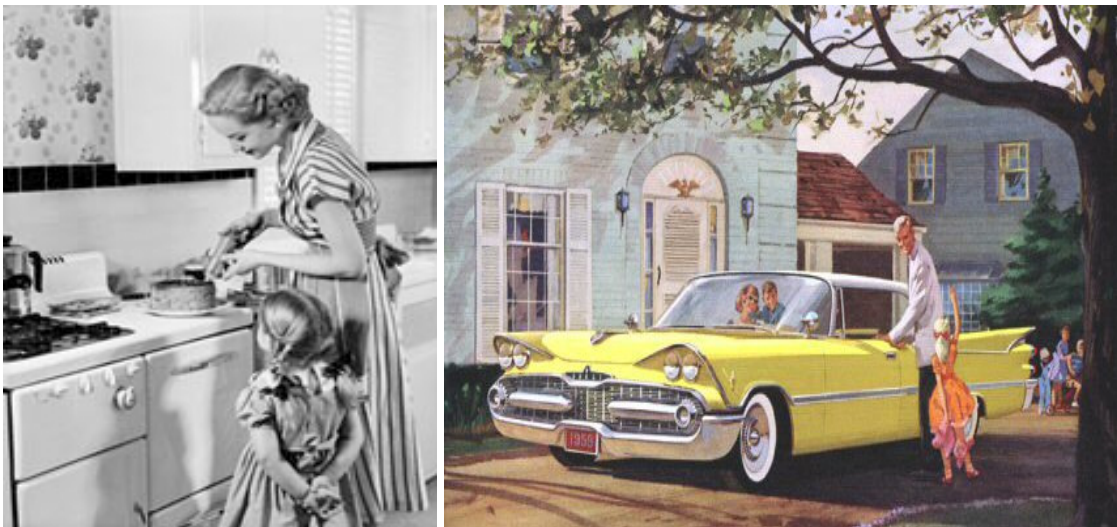
Ao se envolver em uma guerra internacional sem que seu território fizesse parte das áreas de conflito, os EUA puderam desenvolver uma poderosa indústria bélica, que depois seria convertida para a indústria civil na produção de bens de consumo. Assim, neste momento, dá-se início na sociedade americana a uma cultura de consumismo sem precedentes, voltada principalmente para uma classe média em ascensão, mas que também atingiria a todos os setores da sociedade. Nesses anos viu-se a difusão em larga escala dos materiais sintéticos, dos plásticos, dos polímeros e também das embalagens descartáveis. A grande expansão econômica proporcionou o surgimento de modernas auto-estradas, a produção em série de novos eletrodomésticos, como rádios, liquidificadores, geladeiras, lavadora de roupas automática,

A lista é interminável, e não exige comentário: televisão, discos de vinil, seguidos de fitas e dos compact discs, pequenos rádios portáteis transistorizados, relógios digitais, calculadoras de bolso a bateria e depois a energia solar, e os eletrodomésticos, equipamentos de foto e vídeo (HOBBSAWN, 1995, p. 261).

O automóvel, embora já estivesse presente há algum tempo na sociedade americana, continuou a ser produzido em larga escala, com uma enorme produção de carros populares. O carro, inclusive, torna-se uma espécie de símbolo de prosperidade na sociedade americana da época. Mas a chamada *era de ouro* também passou a ser acompanhada depois por outros países ocidentais de economia de mercado desenvolvida, com ajuda financeira do próprio EUA. Sinal disso, por exemplo, é o número de carros particulares – dos 750 mil da Itália em 1938 para os 15 milhões, no mesmo país, em 1975 (HOBBSAWN, 1995, p.259). Nota-se também um grande crescimento na indústria de turismo: antes da guerra, não mais de 150 mil

norte-americanos viajaram para a América Central ou o Caribe em um ano, mas entre 1950 e 1970 esse número cresceu de 300 mil para 7 milhões (HOBSBAWN, 1995, p.259). O telefone também é um exemplo de produto que se expandiu absurdamente neste período, em 1971, havia mais de 270 milhões de telefones no mundo, quer dizer, esmagadoramente na América e na Europa Ocidental, e sua disseminação se acelerava. Nas economias de mercado desenvolvidas havia mais de um telefone para cada dois habitantes (HOBSBAWN, 1995, p.260).

É neste momento que a propaganda começa a exercer um grande papel, juntamente com a televisão, atuando como uma espécie de agente do consumismo, em que as pessoas são incentivadas ao consumo em excesso e ao acúmulo de bens materiais, com ideais de felicidade e liberdade constantemente associados à obtenção de certas mercadorias. As agências de publicidade propagavam as imagens da família americana, feliz em sua casa repleta de eletrodomésticos, onde os filhos se divertiam, a mãe tinha agora facilidade nos serviços domésticos, e o pai ia para o trabalho, usando o seu carro novo.



Ao mesmo tempo em que surge uma infinidade de novos produtos, ocorre uma grande afirmação de diversas instituições consumistas, como os shoppings centers, as redes de supermercados, os fastfoods, entre outras. Inclusive, a rede de lanchonetes McDonald's surge neste período e são realmente uma história de sucesso no pós-guerra, encontrando um amplo mercado consumidor, que continuaria em expansão por muito tempo.

Esse crescimento econômico gera uma onda de consumismo e imediatismo sem precedentes, onde os interesses da classe média americana se baseiam quase que unicamente na aquisição de bens materiais. Esse otimismo delirante frente às novas facilidades e possibilidades de conforto pessoal cria uma ilusão de prosperidade sem fim. É também importante ressaltar que a partir dessa nova realidade social, as famílias foram incentivadas a

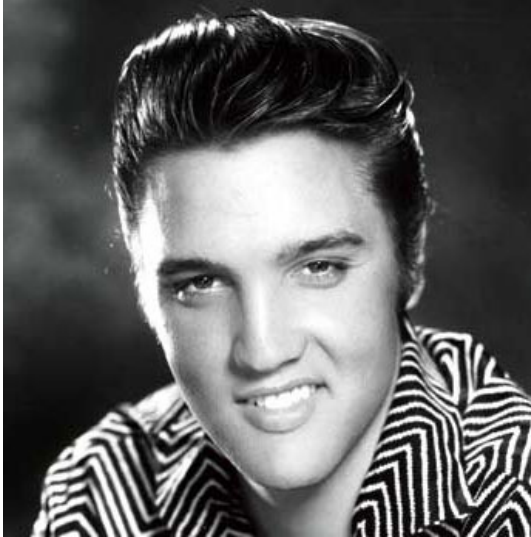
ter mais filhos, ou seja, junto à expansão econômica ocorreu uma grande explosão demográfica (*baby boom*), o que garantiu um mercado consumidor em constante crescimento.

Os boomers

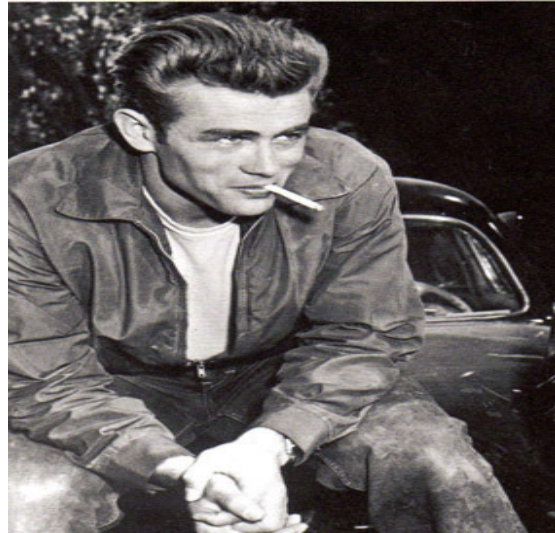
(...)tinham muito mais poder aquisitivo que seus antecessores, graças à prosperidade e pleno emprego da Era de Ouro e à maior prosperidade dos pais, que tinham menos necessidade do dinheiro dos filhos para o orçamento familiar. Foi a descoberta desse mercado jovem em meados da década de 1950 que revolucionou o comércio da música popular e, na Europa, o mercado de massa das indústrias da moda. (HOBSBAWN, 1995, p. 321).

O *baby boom* ocorrido na sociedade americana do pós-guerra permitiu também algo que é essencial para se compreender esta época, que seria o surgimento de uma cultura jovem. A cultura jovem proporcionou uma verdadeira revolução cultural, responsável por grandes mudanças nos costumes, instauração de novos comportamentos e transformações radicais em alguns padrões sociais. Nas palavras do sociólogo Jack Newfield, esta juventude norte-americana dos anos 1950 era considerada uma “geração que nunca existiu”, já que esta não tinha uma história própria, que não teve participação nos eventos históricos anteriores, e as características que a definiam eram a apatia e o alheamento. Isso causava sensações de desconforto e exclusão nos jovens, eles queriam ter uma participação ativa na história de seu país, queriam se destacar. A partir daí surge uma espécie de rebeldia juvenil, onde os jovens procuravam se comportar diferente de seus pais, e, portanto discordavam deles, fazendo surgir assim a figura do “rebelde sem causa”. Essa figura seria encarnada no cinema pelo ator James Dean, um verdadeiro símbolo dessa geração. Dean junto a Marlon Brando criariam as figuras dos delinquentes e rebeldes juvenis. Isso já mostra uma grande participação do cinema no modo de vida americano, que ao tentar captar o que esta acontecendo na sociedade, tem grande influencia junto à cultura jovem. Grandes transformações também ocorrem na moda e na música. Na moda, os jovens queriam um visual mais despojado, que revelasse um ato de independência, sendo neste cenário que o *blue jeans* vira uma febre entre a juventude. E na música, enquanto o *jazz* e o *blues* já tinham grande importância juntos principalmente à população negra americana, o *rock* surge neste período para canalizar toda a rebeldia juvenil. O *rock* era mais agitado e mais dançante que os outros estilos, tendo como grandes ídolos da época Jerry Lee Lewis, Chuck Berry, Bill Halley e o maior de todos, Elvis Presley. Podemos ver a explosão do rock na década de 50, quando analisamos a venda de discos nos EUA, que subiram de 277 milhões de dólares em 1955, quando o rock apareceu, para 600 milhões em 1959, e 2 bilhões em 1973 (HOBSBAWN, 1995, p.262). Desde seu início, o *rock* sempre esteve associado á juventude, por revelar musicalmente o que se passa pela cabeça dos jovens, sendo inclusive usada muitas vezes como canção de protesto nos anos 60 e 70 principalmente.

Podemos dizer que, por assumirem essa nova personalidade do jovem, James Dean e Elvis Presley foram os ídolos e grandes símbolos desta geração.



(Elvis Presley)



(James Dean)

Além de causar grandes transformações na moda, no cinema e na música, a cultura jovem da década de 50 trouxe muitas transformações de comportamento, que são essenciais para entender movimentos posteriores. Os jovens, por exemplo, além de terem um ponto de vista diferente de gerações anteriores, começaram a adotar um modo de falar diferente, de maneira mais “desencanada”, com uso de gírias e palavrões. O jovem entrou na sociedade e passou a ser o protagonista das grandes mudanças e transformações.

No campo político do pós-guerra, devemos destacar o início da Guerra Fria, um conflito meramente ideológico entre os Estados Unidos e a União Soviética, que durou quase meio século, indo do final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, até o fim da União Soviética em 1991. Tanto os EUA quanto a URSS saíram como as potências emergentes da guerra, e por possuírem projetos de sociedade conflitantes, lançaram-se numa “disputa rumo ao posto de grande potência mundial, que só poderia ser ocupado por um país”. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas havia se formado em 1921, com a junção de vários países, incluindo a Rússia, que em 1917 passou por uma grande revolução que instalou o comunismo no país. Logo após o fim da 2ª Guerra, os EUA viam com maus olhos a expansão da influência soviética, lançando a Doutrina de Truman e o Plano Marshall, acordos militar e econômico com países ocidentais, com a intenção de manter a influência capitalista americana e evitar a expansão comunista. Devido a esta intenção de evitar que outros países se tornassem comunistas, os EUA envolveram-se em algumas guerras, como a Guerra da Coreia

(1950-3) e a Guerra do Vietnã (1963-75). Quando todos pensavam que as tensões tinham acabado junto com a 2ª Guerra, a humanidade embarca numa espécie de Terceira Guerra Mundial. A Guerra Fria foi muito tensa no início, e quando a URSS adquiriu a bomba atômica em 1953, o medo do fim dos tempos alcançou todo o mundo, já que um conflito armado entre as duas detentoras da bomba só poderia terminar com o fim da humanidade. Embora todos tivessem medo que a Guerra Fria pudesse levar ao fim do mundo,

Não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas, sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência. (HOBSBAWN, 1995, p.224)

Mas o que é importante entender deste período foi a postura tomada pelos EUA dentro de seu território diante deste conflito. Com medo da expansão de idéias socialistas dentro do país, os EUA põem em prática uma política de repressão total aos que eram vistos como comunistas e anti-americanos, com o objetivo de manter os valores democráticos no país, chamada de Macartismo. Essa política altamente conservadora fora criada pelo senador Joseph Raymond Mccarthy e promoveu uma verdadeira caça às bruxas no país. Por meio de discursos inflamados e diversos projetos de lei, esse estadista conseguiu a aprovação de comitês e leis, que determinavam o controle e a imposição de penalidades contra aqueles que tivessem algum envolvimento com atividades consideradas anti-americanas. McCarthy organizava listas de suspeitos de pertencerem ou simpatizarem com o Partido Comunista, o que acabou atingindo muitos intelectuais, escritores, produtores e artistas. Charlie Chaplin é o exemplo mais famoso dentre aqueles que foram perseguidos por essa política, sendo este inclusive, exilado dos EUA por vários anos. Todos aqueles que mostrassem um senso mais crítico em relação à realidade do país era considerado um anti-americano. A política do Macartismo reforçava uma noção de patriotismo distorcida, que ia contra as próprias liberdades a serem garantidas em uma democracia. As ações da classe operária e dos partidos de esquerda foram totalmente contidas com o Macartismo. O resultado disso foi a formação de uma população altamente reprimida, apática politicamente e bastante conservadora.



(Joseph McCarthy)

De certa forma, isso resume o *american way of life*, o chamado modo de vida americano, onde os EUA puderam, a partir do Plano Marshall, exportar para o mundo o seu modo de vida, onde nessa lógica, o cidadão era livre e feliz. A imagem era a de que todo americano tinha um carro, uma casa, uma mulher e um emprego, e acima de tudo amava seu país. Com isso, todos os países passaram a querer ser como os EUA, que acabou se tornando um modelo de país para o mundo. Porém o *american way of life* não era desfrutado por todos, este era um sistema que também excluía gays, negros e imigrantes, já que não se enquadravam no perfil do típico cidadão americano.

Tanto o Macartismo quanto o *american way of life* revelam bem como se estruturava a sociedade americana da época. Enquanto o Macartismo funcionava como um guardião do país, impedindo a presença de comunistas, o *american way of life* exibia para o mundo toda riqueza e abundância material dos EUA, além de ajudar na própria expansão de mercado consumidor fora do país.

Tais fatores nos revelam as reais características do cidadão americano à época: um sujeito que era apático pela política repressora do Macartismo, assustado com as tensões da Guerra Fria e consumista e conservador, como se vê no “melhor modo de vida da Terra”.



Como já foi falada, a política do macartismo perseguia todos aqueles que mostrassem um senso crítico ao país. Sendo assim, escritores e intelectuais logicamente entrariam nessa lista. Com o macartismo, disseminou-se uma desconfiança geral entre intelectuais e escritores, ficando popular o termo “egg-head”, ou seja, “cabeça de ovo”, como linguajar padrão para insultar os acadêmicos e homens de idéias. Portanto, o resultado disso seria a inexistência de um meio intelectual militante e atuante na política americana. E a Literatura americana refletia justamente àquela sociedade conservadora, onde o *new criticism*, a nova crítica, torna-se a espécie de modelo literário. A escrita da nova crítica era extremamente formal e respeitava certos padrões acadêmicos, além de rejeitar a análise literária a partir de contextos sociais ou culturais. Seus escritores mais importantes são T.S Elliot, F.R Leavis, Cleanth Brooks, entre outros. Porém, essa tentativa de conter as experiências da época dentro de uma embalagem formal não iria durar muito, e os teóricos da nova crítica tiveram que engolir em seco após o fenômeno editorial da publicação de “On the road”, um romance que rompia com os padrões acadêmicos e seria o grande marco da Geração beat.

2 O SURGIMENTO DA GERAÇÃO BEAT

Para entender o processo de surgimento da Geração Beat e sua devida importância diante do cenário histórico retratado, é de considerável relevância entender, em princípio, a origem do termo *beat*. Este assunto inclusive não deixa de ser motivo de discussão entre os estudiosos desta geração, já que tal expressão pode adquirir diversos significados, que são dados de acordo com quem a criou e em que momento a criou. Levando em consideração um dos momentos de concepção deste termo, a palavra *beat* teria sido criada pelo grande escritor do movimento, Jack Kerouac, em uma conversa que este teve com outro escritor, John Clellon Holmes, ainda na década de 40. Eles discutiam sobre os papéis exercidos pelas gerações ao longo do tempo, e ao tentar descrever a geração que vivia na época, Kerouac teria dito que esta não passava de uma geração *beat*. Isso nos remete a seu primeiro significado, que seria a de uma geração vencida e batida, ou seja, um significado bem derrotista, que mostrava uma dose de pessimismo em relação àquela época.

Outro significado que também pode ser associado à palavra *beat* seria a questão da beatitude, de que esta seria uma geração santa, beata, que é usada já no poema *Uivo*, de Allen Ginsberg, e é palavra-chave do repertório de Kerouac, e foi usada por ele para contrapor-se a seu sentido mais derrotista anterior (WILLER, 2009). Para estes escritores, os beats seriam espécies de vagabundos iluminados. Outro significado também recorrente seria de que *beat* é a batida rítmica do jazz, o que faz grande sentido, já que os componentes desta geração demonstram grande admiração pelo jazz, e o tempo todo é associado a este ritmo musical, sendo muitas vezes descrita como uma escrita jazzística, como veremos melhor posteriormente. *Beat* significaria ainda, não só nos textos, mas na própria vida das pessoas daquele movimento, fluência, improviso, ausência de normas fixas, um envolvimento que traz música, balanço, liberdade e prazer. Estes seriam alguns dos muitos significados associados a palavra *beat*, onde sua polissemia nos revela que este movimento não era só mais um, e que pela sua grande importância, fica difícil descreve-lo.

Beatnik também é um termo que passou a ser bastante usado para nomear esta geração, e que seria a fusão de Beat com Sputnik, a nave soviética que foi pioneiramente para o espaço em 1957, e teria sido criado pela mídia americana (apareceu pela primeira vez no *San Francisco Chronicle* de 2 de abril de 1958) para referir-se aquele fenômeno coletivo, designando não mais um grupo de autores, mas um acontecimento social, além de geracional. Embora fosse um termo irônico e depreciativo,

... a metáfora resultante da fusão de Beat com Sputnik não poderia ser mais precisa, já que os poetas e escritores Beats eram, de fato, verdadeiros foguetes, inquietos, ligados, criativos, absolutamente em contraste com a pasmaceira e a carece da década de 50 americana. (BUENO e GOÉS, 1984, p.8).

Podemos dizer que grande parte dos escritores *beats* teve sua adolescência nos anos 30 e 40, presenciando de perto grandes mudanças na sociedade americana. Diante disso, esses escritores vieram a divulgar suas convicções sobre as transformações que presenciaram e que formaram a personalidade da juventude da época. O cenário americano era de Guerra Fria, tecnocracia, consumo e macartismo, portanto as tensões eram muito grandes e as pessoas não viviam tranquilamente: o medo de uma guerra nuclear estava presente em todos os setores da sociedade. A política repressiva era muito forte, a paranóia anticomunista fez com que as pessoas passassem a não ter opiniões políticas e não pudessem se expressar livremente, mas tudo era remediado pelo consumo em excesso. Os americanos compravam aos montes e exportavam ao mundo a imagem de que era um povo feliz. Porém, era bastante visível que por atrás daqueles sorrisos havia uma infelicidade e um descontentamento latente. Isso foi observado pelos *beats*, e eles foram os primeiros a denunciar a falência daquele sistema, que resultariam em manifestações grandiosas anos mais tarde.

Inseridos nesse “pesadelo refrigerado” (BUENO e GOÉS, 1984), os *beats* vão à contracorrente de tudo que está rolando nos EUA e iniciam um protesto contra a ordem estabelecida, clamando por novos valores, que fossem mais originais, verdadeiros, mais autênticos e acabaram desmentindo os prognósticos daqueles que afirmavam existir apenas apatia e desinteresse na juventude. Negaram as mais prezadas instituições responsáveis pela manutenção da ordem capitalista, que seriam a acumulação financeira, a religião, a família, o Estado e neste momento, a tecnocracia¹. Assim, optaram por um novo modo de vida, mais livre e espontâneo, que não seguisse as regras estabelecidas pela sociedade, pois segundo eles, essas regras acabavam corroendo todos os sentimentos bons do ser humano e sua vontade de viver. Para esses jovens, o *american dream* (sonho americano) já tinha se tornado um grande pesadelo, e, portanto foram em busca de um modo de vida alternativo ao *american way of life*, pois, o estilo de vida e os valores dessa classe média afluente na década de 50 era tudo que os Beats não desejavam para si próprios, era tudo que representava o mundo CARETA-SQUARE da vidinha média americana. (BUENO e GOÉS, 1984, p.16).

¹ Tecnocracia seria uma forma social caracterizada pelo regime totalitário da técnica e da ciência que se encontra plenamente desenvolvida nos Estados Unidos do pós-II Guerra e que, ao lado das instituições acima citadas, buscará justificar a dominação exercida.

Havia uma certa angustia existencial, não muito bem definida, mas que era bem característico dos escritores *beats*. Na verdade, seria uma tentativa de traduzir a recusa deles em aceitar a imposição da necessidade de que, cada ação humana deve ser guiada por uma finalidade, por um objetivo específico. As coisas não deveriam acontecer assim, premeditadas e pressionadas, mas elas deveriam simplesmente acontecer, sem preocupação com o tempo ou regras. Isso é uma questão bem importante de se entender, pois nos revela o tamanho imprevisto das ações dos *beats* e sua enorme despreocupação com resultados. Eles entendiam que estar no mundo significava estar aberto às múltiplas experiências colocadas pela vida, sendo este um conceito que causou muito impacto naquela sociedade tão conservadora. Esse grito por liberdade acabou sendo de extrema importância, pois podemos dizer inclusive que, abriu portas para a revolução sexual, já que houve uma grande oposição aos padrões morais estabelecidos para o sexo.

A Geração Beat foi uma geração em puro movimento, seus escritores eram seres inquietos e isso fica muito perceptível em suas obras. Escreviam sobre qualquer ambiente que pudesse existir sinal de vida. Escreviam sobre estradas, festas, drogas, orgias e todos os lugares que freqüentavam, onde encontrassem pessoas que valorizassem a vida, sem qualquer tipo de pudor ou censura. Buscavam a qualquer custo a liberdade real, onde para eles, a própria vida de andarilho seria essa liberdade. Com esta “sede” de movimento constante e tentando fazer uma ligação direta entre a arte e a vida, os *beats* viajavam muito, não paravam em lugares certos, tentando a todo o momento conhecer novos ambientes e novas pessoas, para se ter um aprendizado da vida. Para alguns críticos, os *beats* seguem uma certa tradição da literatura americana, iniciada por John dos Passos, Ezra Pound, Gertrude Stein, Henri James, Ernest Hemingway, E.E Cummings e outros. Mas os *beats* possuíam um projeto de questionamento da sociedade, mesmo não se organizando em partidos políticos ou programas estéticos.

Questionavam a própria noção de política e demonstravam rejeição à literatura acadêmica e formalizada, numa verdadeira oposição à literatura do “*establishment*”. Era um estilo de escrita que fugia do academicismo e de regras estabelecidas, com a intenção de estar mais próximo da realidade. A escrita *beat* se inspirava nas pequenas coisas da vida, usando o cotidiano como matéria prima, aproximando-se de acontecimentos simples, rompendo assim com as visões culturais dominantes e com o estilo de vida e valores da classe média afluyente na década de 50. Isso na verdade era uma grande rebelião contra a maneira de viver norte-americana e contra as instituições dominantes, como as universidades (BUENO e GOÉS, 1984).

Os *beats* circulavam sempre em um universo underground, freqüentando bares de jazz, rodovias, fazendo leituras em teatros, casas particulares e nas ruas. E sendo estes os ambientes que costumavam freqüentar, também é de extrema importância ressaltar que os *beats* se associavam aos excluídos da sociedade, a todos aqueles que não se encaixavam no perfil descrito pelo *american way of life*, que formava uma verdadeira fauna urbana, onde se incluíam: mendigos, chicanos, andarilhos, negros, traficantes, delinquentes juvenis, homossexuais, índios, viciados, boêmios e todos outros reprimidos pela sociedade americana. Os *beats* se identificavam com essas pessoas, se viam nelas, e tentavam aprender com elas uma espécie de verdade sobre a vida. Todo esse lado obscuro da América, ocupado por populações pobres e excluídas, pelas minorias raciais e culturais, interessava aos escritores *beats*, pois queriam enxergar o país do ângulo dos marginalizados. Isso causava um grande espanto na classe média, que os acusava de serem delinquentes também, mas na verdade, o que estava ocorrendo era uma verdadeira revolução na literatura, onde não somente os valores burgueses poderiam ser expressos, mas todos aqueles que não tinham oportunidades reais. De acordo com isso, essa miscigenação cultural provocada pela Geração Beat teria sido fantástica, pois começou a introduzir naquela sociedade cristã, racista e extremamente conservadora elementos anti-preconceituosos. Os *beats* faziam parte dessa cultura e a defendiam, pois, Mais que ao proletário, a beat se associou ao lumpen, o extrato inferior da sociedade (...) Literatura marginal por marginais. (WILLER, 2009, p.21)

Como já foi dito a palavra *beat* também pode significar a batida rítmica do jazz, e isso não é à toa. A literatura *beat* tem muito envolvimento com o jazz, seus escritores eram grandes admiradores deste estilo musical e, portanto freqüentavam muitos bares de jazz em bairros negros. Os *beats* tentavam incorporar em sua escrita o espírito que escutavam nas músicas de jazz, pois este surgiu ligado a uma raça e uma cultura reprimidas. O Jazz é uma música essencialmente negra e possui com ela uma contestação política e uma liberação sexual, que não foi feito para ser escutado de maneira comportada e sim para ser dançada e aproveitada. Havia tantos elementos naquele tipo de musica que podem ser facilmente associados a escrita *beat*, como seu ritmo frenético, seu conteúdo político, sua forte carga sexual. Eles achavam simplesmente fascinante o modo como os músicos tocavam seus instrumentos e todos na platéia iam à loucura, seguindo os sons que saíam dos saxofones e trompetes. A batida, o ritmo, dança, o corpo e o sexo, tudo ligado numa só musica. Isso impressionava os escritores *beats*, que não apreciavam só sua abordagem política, mas sua própria existência. O Jazz era terapêutico. Há muitos livros e citações de escritores *beats* sobre o jazz e seus músicos. Na época surgia o jazz bebop, que possuía um ritmo bem rápido

e frenético, e como sua escrita tinha tais características, o próprio Jack Kerouac denominou sua literatura de prosódia bop. Eram citados nas obras dos *beats* grandes personalidades do Jazz, como John Coltrane, Miles Davis, Charlie Parker, Herbie Hancock, entre outros. Essa grande associação com o Jazz fez com que a escrita beat passasse a ser uma escrita jazzística, pois os *beats*

Encontraram, na musica negra, a essência da liberdade e da rebeldia contra uma sociedade conservadora e alienada numa forma especifica de viver. Não deixa de ser uma maneira de mostrar insatisfação com o lado reprimido, pobre e discriminado da América. A relação com o jazz confirmava a condição de excluídos - tanto os escritores quanto suas personagens -, visto que se identificavam com os negros a ponto de denominarem-se negros brancos (BIZELLO, 2006, p.23).

Se o Jazz imprimia um sentido com o movimento do corpo, o movimento com a mente foi encontrado no Zen-Budismo. Em determinada época, grande parte dos escritores *beats* iniciaram uma assimilação de culturas orientais, para fugir mental e espiritualmente das pressões e cobranças que aquela sociedade impunha. Um dos responsáveis por isso foi Gary Snider, um escritor que depois de uma viagem à Índia, trouxe um pouco do que tinha aprendido sobre a cultura oriental para seus amigos. Em meio àquele consumismo desenfreado e materialismo alienante, a pratica do Zen-Budismo apresentava um outro mundo, uma outra visão de vida. Isso demonstrava uma grande ruptura quanto à sociedade, indicando bases para uma nova cultura. As transformações políticas não poderiam excluir a espiritualidade. A prática do Zen-Budismo,

Significava um outro universo cultural, uma outra visão da vida, uma forte espiritualidade, tudo muito diferente da noção de consumo (de imagens, de mercadorias, de comportamentos, de expectativas, de artefatos tecnológicos, etc.) (BUENO e GOÉS, 1984, p.22).

Junto a esta tentativa de alcançar outro universo cultural, as drogas tinham um papel importante, pois eram usadas com a finalidade de expansão da consciência, ampliando as capacidades sensoriais e garantindo a loucura e espontaneidade. O Acido Lisérgico (LSD) era talvez a droga mais usada com esta intenção, mas não a única, o consumo de drogas era algo muito presente entre os escritores *beats*. Eles usavam com frequência, pois viam naquilo algo natural, e muitas obras eram escritas sob o efeito de drogas, pois era justamente a sensação que sentiam ao consumi-las que eles queriam transcrever.

O uso de drogas e a assimilação de culturas orientais, iniciadas pelo *beats*, são muito importantes para entender depois o surgimento do movimento *hippie* nos anos 60, que carregariam muitas características dos *beats* como também outros movimentos de Contracultura. Para muitos historiadores, a Geração Beat representou o primeiro passo para o

surgimento da Contracultura nos EUA, onde seus componentes já demonstrariam uma posição crítica em relação a sociedade em que viviam, denunciando vários problemas e chamando a atenção das pessoas. Isso, naquela época, era novo, não havia qualquer tipo de demonstração de insatisfação pela população. Mas essa insatisfação existia obviamente, e isso fica claro ao vermos a quantidade de mobilizações sociais que ocorreu não só nos EUA, mas no mundo todo. Os *beats* denunciaram os graves problemas daquela sociedade tecnocrática, para anos mais tarde, um grande número de pessoas irem às ruas protestarem por condições melhores de vida. Este assunto será mais bem retratado no capítulo seguinte.

Tendo conhecido um pouco sobre o contexto em que surgiram os *beats*, e um pouco de seus pensamentos e insatisfações, e toda a filosofia de vida que este grupo começou a ter, fica claro que grandes transformações ocorreriam na literatura. O modo de se expressar era outro: era através de uma escrita rápida, incontida, verborrágica, laudatória, espontânea, libertária e repleta de sonoridade e gírias, que os *beats* falaram de seu tempo e trataram de temas contemporâneos, fazendo uma verdadeira revolução na literatura americana, criando uma nova relação entre o escritor e a sociedade. Seus textos seguem o ritmo de suas vidas, falando de diversas experiências pessoais, podendo ser experiências narcóticas ou sexuais. A literatura *beat* faz a ligação direta entre a arte e a vida.

Ao vermos o conjunto de escritores desta geração, percebemos que formavam um grupo pequeno, e isso é uma característica marcante da *beat*. Foi algo sempre muito informal e feito por pessoas que se conheciam e eram amigas. Havia sempre um espírito de coletividade em suas obras: eles pensavam e agiam em conjunto. A amizade seria algo diferenciador ou até mesmo definidor da *beat* (WILLER, 2009, p.17). É comum ver em suas obras outros escritores serem citados com nomes fictícios. Eles valorizavam a liberdade que tinham e acreditavam que funcionavam melhor sem a pressão de terem que vender milhares de livros. A fama poderia ser algo muito ruim para alguns *beats*, como foi, pois talvez não suportassem abrir mão da pequena liberdade que tinham. Allen Ginsberg, grande escritor deste movimento, diz que a Geração Beat acabou a partir do momento que ficou nacionalmente conhecida no final da década de 50, com o lançamento de obras que venderam milhões, chamando a atenção da mídia.

Uma lista resumiria bem seus integrantes mais importantes e de onde vieram:

Grupo de Nova Iorque: (Costa Leste)	Allen Ginsberg, Jack Kerouac, Gregory Corso, William Burroughs, Carl Solomon.
Grupo de São Francisco: (Costa Oeste)	Lawrence Ferlinghetti, Gary Snyder, Philip Lamantia, Michael McClure, Philip Whalen.
Grupo da Carolina do Norte: (Revista Black Mountain)	Robert Creeley, Robert Duncan, Charles Olson.

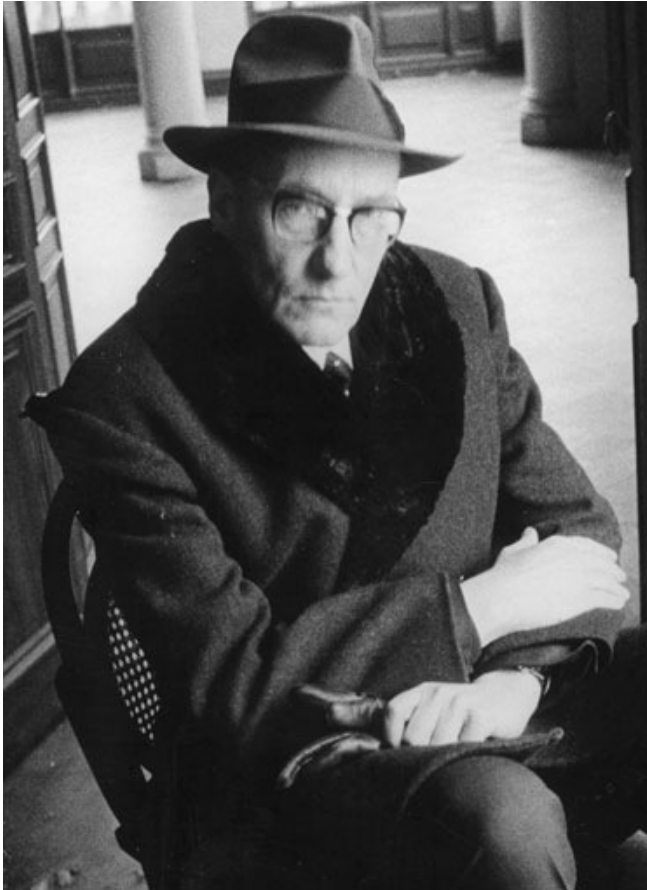
Fonte: (BUENO e GOÉS, 1984, p.34).

Esse é, sem dúvida, o grupo dos escritores mais loucos da história. Além destes, existiram outros, que também podem ser associados aos *beats*, como Frank O' Hara, John Ashbery, Keneth Patchen, Charles Bukowski, John Clellon Holmes, Bárbara Guest, Denise Levertov, Neal Cassady, entre outras loucas personalidades. Estes escritores, juntos a outros artistas beatniks balançaram aquela América conservadora e abriram portas para inúmeros movimentos sociais que ocorreriam depois.

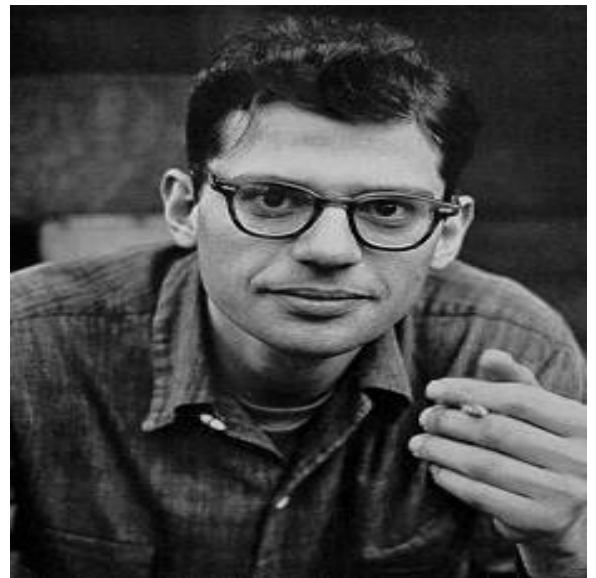
Mas devemos, sem dúvida alguma, ressaltar três escritores desta geração toda, pela grande importância de suas obras, e por serem considerados os fundadores da *beat generation*: William Burroughs, Allen Ginsberg e Jack Kerouac. Foram escritores que marcaram época e tiveram que enfrentar a forte censura da sociedade americana.

William Burroughs nasceu em 5 de fevereiro de 1914 em Saint Louis, sendo o mais velho dentre os três. Talvez seja a pessoa dentre todos escritores da Geração Beat, o que teve as melhores condições financeiras durante sua infância e adolescência. Formou-se em antropologia em Harvard e chegou a estudar medicina em Viena. Era homossexual e possuía no grupo um apelido sugestivo: “A Farmácia ambulante”, o que nos revela sua característica principal, de que era um grande consumidor de drogas. Desde cedo, Burroughs usava uma quantidade e variedade de drogas enormes, fazendo com que fosse internado várias vezes, e passasse por situações bem difíceis. Suas experiências com as drogas foram inclusive tema de seu primeiro livro, *Junkie* (Drogado), de 1953. Este livro já nos mostrava um pouco das características de Burroughs, que possuía uma escrita bem louca e pesada, revelando suas diversas experiências sexuais e principalmente com drogas. Mas é no ano de 1958, que Burroughs lança seu grande trabalho, *The Naked Lunch* (O Almoço Nu), um livro que falava de sexo, perversões e drogas num clima delirante e surrealista. Obviamente o livro foi censurado de início, mas depois que foi liberado tornou-se a obra mais vendida e mais importante deste escritor. Este teve momentos muito ruins em sua vida, inclusive sendo preso por matar, acidentalmente, sua esposa em uma noite de muitas drogas e bebida. Até sua morte, Burroughs experimentou de tudo em sua carreira: fez parcerias musicais, atuou em

filmes e continuou escrevendo livros. Com o tempo se passando, ele foi perdendo interesse e participação em assuntos e eventos políticos. Morreu em 1997, aos longos 83 anos, apesar da vida desregrada que levou.



E agora voltemos novamente ao campo de batalha. Um jovem penetra em seu confrade, enquanto outro jovem amputa a parte mais orgulhosa do estremecido desse caralho, sendo beneficiário que o membro visitante se proteja para encher o vácuo que a natureza abomina, e ejacula na Lagoa Negra onde piranhas, impacientes, abocanham a criança não nascida; aliás — em vista de certos fatos bem estabelecidos —, é pouco provável que nasça”. (BURROUGHS,1958)



Irvim Allen Ginsberg nasceu em Newark, Nova Jersey, em 3 de Junho de 1926, e foi o maior poeta da Geração Beat e um dos maiores da literatura americana. Seus pais eram de famílias de judeus russos emigrados, portanto carregava consigo laços de outra cultura. Podemos defini-lo como o grande ideólogo da *beat*, um ser inquieto, a procura de transformações a todo o momento. Ginsberg articulou e formulou a *beat* através de ensaios e palestras, e logo depois a institucionalizou, criando uma fundação, onde seus rendimentos ajudavam seus companheiros. Desde cedo mostrava interesse pela leitura, crescendo em um

ambiente culto e politizado, em que seus pais eram militantes comunistas. Mas sua infância e adolescência não foram fáceis, passando por dramas familiares, e começando a se questionar sobre seu papel durante a vida e como deveria se comportar. Começou a demonstrar interesse pelo misticismo e excentricismo, características que marcaram sua carreira. Aos 17 anos, entrou para a Universidade de Columbia para fazer Direito, não durou muito tempo, sendo expulso dois anos depois por se envolver em diversas confusões, já mostrando não ser uma pessoa fácil. Logo depois, trabalhou por alguns anos em diversas coisas, como repórter, lavador de pratos. Chegou a ser preso, realizou algumas viagens dentro dos EUA e para o exterior, mas quando conheceu Jack Kerouac e William Burroughs, decidiu ser mesmo escritor. Divulgou seu primeiro poema em uma leitura pública histórica na Six Gallery, em São Francisco no ano de 1955: o poema chamava-se *Howl* (Uivo) e era uma obra-prima, que se tornou o livro mais famoso, importante e de maior fôlego de Ginsberg, sendo o poema mais incrível de toda a Geração Beat. Após fazer outra leitura pública, Ginsberg decidiu lançá-lo em livro em 1956. Inicialmente, o livro esbarrou na censura, mas ao ser liberado foi vendido aos milhões. *Howl* é um poema simplesmente frenético, que define e sintetiza uma geração inteira, possuindo uma contestação política além de uma falta de pudor e uma carga sexual muito forte, que são as marcas da escrita de Ginsberg. Este poema causou espanto e polêmica diante dos moralistas, que não conseguiram evitar seu impacto na sociedade. *Howl* foi datilografado em uma tarde, e seus versos iniciais são antológicos:

“Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela
 loucura, morrendo de fome, histéricos nus,
 arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada
 em busca de uma dose violenta de qualquer coisa
 hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial
 com o dínamo estrelado da maquinaria da noite
 que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando
 sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis apartamentos
 sem água quente, flutuando sobre os tetos da cidades
 contemplando jazz ... ”

Ginsberg continuou produzindo muitos poemas, sendo que em 1959 lança outra obra-prima, *Kaddish*, um poema muito louco, que narra muito dos surtos e internações por qual sua mãe passou durante sua vida. Após o lançamento destas obras, Ginsberg virou uma

celebridade, mas continuou nos anos 60 participando dos eventos políticos mais importantes, nos EUA e na Europa, onde inclusive foi chamado como o “rei de maio”. Sendo homossexual convicto, sempre lutou pelos direitos das minorias e continuou lutando ativamente durante toda sua vida. Sua obra também apresenta diversas características derivadas do Oriente, para onde viajou algumas vezes.

O fascinante é um jovem poeta judeu americano sair de Nova Iorque, chegar às margens do Ganges, aceitar a meditação e a compassividade orientais, tornando-se o maior guru da América contemporânea. (BUENO e GOÉS, 1984, p.24).

Allen Ginsberg também fez diversas parcerias musicais, sendo algumas muito interessantes com o The Doors e Bob Dylan. Ginsberg morreu aos 70 anos, no ano de 1997, como seu amigo William Burroughs.

Jean-Louis Lebris de Kerouac nasceu em 12 de março de 1922 em Lowell Massachussets e seria impossível falar de Geração Beat sem falar deste escritor. Kerouac vinha de uma família de origem franco-canadense, fazendo com que o primeiro idioma dele fosse o francês, e só aos seis anos começaria a estudar o inglês na escola. Isso seria algo que influenciaria diretamente a escrita de Kerouac, onde durante toda sua carreira, demonstrou interesse por estrangeiros e por todos aqueles que eram marginalizados e *outsiders* da sociedade americana. Muito cedo, perdeu seu irmão mais velho, o que o traumatizou bastante. De sua mãe, recebeu uma educação profundamente católica, fazendo com que Jack sempre mostrasse interesse pela religião. Kerouac, ainda jovem tentaria através de viagens a Europa, buscar parentes e informações, revelando talvez sua característica mais importante: seu grande gosto por viagens e estradas. Era leitor voraz, tendo entre seus escritores favoritos Thomas Wolfe, Jack London e Mark Twain, todos eles escritores-em-movimento, amantes e perseguidores da verdadeira América (BUENO e GOÉS, 1984, p.46). Seu também grande interesse pelo esporte lhe possibilitou tornar-se bolsista da Faculdade de Columbia, onde acabou adquirindo uma contusão grave e conseqüentemente acabou saindo de lá. Foi convocado para a Marinha de Guerra, onde também ficou pouco tempo, sendo diagnosticado como louco, pela sua grande rebeldia. Depois desses fracassos, Kerouac decidiu ser escritor. Em 1951, escreve seu primeiro livro *The Town and the City*, livro em que revela ser um viajante solitário. O livro praticamente não rendeu comentários, mas Kerouac não desistiu. Durante alguns anos, Kerouac exerceu diversas profissões, como ajudante de cozinha, lavador de pratos, carregador de malas, guarda florestal dentre outras coisas. O que ele ganhava, gastava com algumas viagens e algumas curtidas com seus amigos, principalmente em idas a bares de jazz, ritmo que demonstrava uma profunda admiração. Porém, sua frustração era

muito grande, pois continuava escrevendo livros que não lhe davam muito crédito nem dinheiro. Isso pode ser claramente observado em carta (redigida em um cubículo na Cidade do México) que Kerouac escreve a seu amigo John Clellon Holmes em fins de 1956:

“O que tenho eu? Tenho 35 anos. Uma ex-mulher que me odeia e que gostaria de me ver na cadeia. Uma filha que nunca vejo. Um bolso vazio. Minha mãe, após todos esses anos de labuta e lágrimas ainda rala o rabo numa fabrica de sapatos. E eu não tenho um só centavo, nem para uma puta que preste. Maldito seja! Filho da puta! As vezes penso que a única coisa que esta pronta para me aceitar é a morte. Nada nesse mundo parece me querer, ou lembra-se de mim. Sabe o que acho dessa vida desprezível? Vou abandonar essa historia de romances épicos e tentar concentrar meu talento- se é que tenho algum- no que quer que não seja escrever. O que sei é que existem apenas dor e desespero aguardando por todos nós, especialmente por mim. Sou o mais solitário escritor da América, e vou lhe dizer por que: porque escrevi seis longos romances desde março de 1951 e nenhum deles foi aceito ate agora, agora, AGORA! (BUENO e GOÉS, 1984, p. 74)

Mas algumas semanas depois, a realidade muda completamente: a editora Viking aceita publicar o livro *On the Road*, de Kerouac, um livro que havia sido escrito por ele há seis anos atrás. *On the Road* (Pé na estrada), então, é publicado em setembro de 1957. O que vem depois disso, muitos já conhecem: o livro se torna um sucesso absoluto de vendas, é aclamado pelo New York Times e outros críticos, e Jack Kerouac torna-se subitamente uma estrela, que começa a freqüentar famosos *talk shows* nos EUA. *On the Road* é simplesmente um livro fantástico, e apesar de cerca de 130 paginas terem sido cortadas pela editora, contem todas as características essenciais de Kerouac: uma escrita rápida, libertária, viajante, cheia de gírias e alusões ao Jazz, não seguindo qualquer tipo de regra ou padrão.

On the Road é sob vários aspectos um precursor do que viria na década de 50, na de 60 e na de 70[...] Uma declaração contra o status quo do pós-guerra e contra qualquer status quo. (BUENO e GOÉS, 1984, p.38)

Há vários mitos sobre o modo de como este livro foi escrito, mas Kerouac revela que o escreveu entre 9 e 27 de abril de 1951 num rolo de papel para telex, num total de quarenta metros, sem divisão por parágrafos nem nada e estava aditivado por doses colossais de benzedrina. Para ele, isto o ajudava a não perder a corrente de pensamento, por isso escrevia sem parar. *On the Road* é um livro que relata diversas viagens que Kerouac realizou durante alguns anos, por toda a América. No livro, o personagem de Kerouac chama-se Sal Paradise, e seu grande companheiro de viagens é Dean Moriarty, que correspondia a Neal Cassady, um

homem que veio da delinqüência juvenil e não se encaixava naquela América conservadora. Cassady não tinha qualquer tipo de formação intelectual ou escolar e era um louco desregrado, sendo ele para Kerouac, o único e verdadeiro *beat*.

Com o sucesso de vendas de *On the Road*, Kerouac finalmente conseguiu o dinheiro que necessitava, para viver em melhores condições e seguir seu projeto literário. Porém, a fama acabaria destruindo Kerouac, um homem que prezava pelo seu anonimato. Embora tenha continuado a lançar livros (num ritmo bem menos freqüente), Kerouac não conseguia administrar aquela imagem que adquiriu após o lançamento de *On the Road*, de que era o rei dos *hippies* e deveria conduzir a juventude. *On the Road* foi o céu e o inferno de Kerouac. Este passou os anos 60 totalmente fora de seus acontecimentos, perdendo totalmente seus interesses e sua sanidade. Seu final de vida foi triste: morando na casa da mãe, distante de seus amigos, se afogando em álcool. Morreu em 1969.



Assim, na América, quando o sol se põe, eu me sento no velho e arruinado cais do rio olhando os longos, longos céus acima de Nova Jersey, e consigo sentir toda aquela terra crua e rude se derramando numa única, inacreditável e elevada vastidão, até a costa oeste, e a estrada seguindo em frente, todas as pessoas sonhando naquela imensidão, e em Iowa eu sei que agora as crianças devem estar chorando na terra onde deixam as crianças chorar, e você não sabe que Deus é a Ursa Maior? A estrela do entardecer deve estar morrendo e irradiando sua pálida cintilância sobre a pradaria, reluzindo pela última vez antes da chegada da noite completa, que abençoa a terra, escurece todos os rios, recobre os picos e oculta a última praia, e ninguém, ninguém sabe o que vai acontecer a qualquer pessoa, além dos desamparados andrajos da velhice. Penso então em Dean Moriarty, penso no velho Dean Moriarty, o pai que jamais encontramos, eu penso em Dean Moriarty. (KEROUAC, 1957).

William Burroughs, Allen Ginsberg e Jack Kerouac formaram a tríade de ouro da Geração Beat e através de suas obras, influenciaram muitas gerações posteriores. Na tentativa de definir esses três escritores, recorro a Cláudio Willer, estudioso da Geração Beat, que diz:

“Burroughs foi um mentor, fonte de informação e idéias na formação do movimento, além de ampliar fronteiras da narrativa em prosa [...] Ginsberg foi o ideólogo, o pensador da beat em palestras, manifestos e ensaios, ao longo de toda sua vida e seu grande agitador [...] Kerouac se destaca pela criação literária e por ter sido o personagem beat por excelência, responsável direto por sua popularização. Se Ginsberg foi um místico da beat, Kerouac encarnou essa mística”. (WILLER, 2009, p.30)



(Hal Chase, Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs)

3 DA BEAT À CONTRACULTURA

Como foi dito nos capítulos anteriores, havia um enorme descontentamento de grande parte da juventude americana em relação à sociedade em que viviam no pós-guerra, e a Geração Beat expressou uma denúncia a todos estes problemas que estavam impregnando a América conservadora, racista e tecnocrática. Pode-se dizer até, que os *beats* foram os primeiros a apontar a falência daquele sistema, sendo considerado por muitos como o primeiro movimento da *Contracultura* americana. E para se entender um pouco do sentido da palavra *Contracultura*: “*Contracultura* é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial.

No sentido universitário do termo é uma anticultura. Obedece a instintos desclassificados nos quadros acadêmicos”. (PEREIRA, 1983, p.13). E é justamente o que os *beats* representaram: seus pensamentos e principalmente seu modo de viver já eram por si sós, uma maneira de se rebelar contra o sistema. Esse descontentamento fica bem visível ao observarmos o que acontece na década de 60, em que ocorrem manifestações dos mais variados objetivos, principalmente comandados pelos excluídos e despossuídos, não só nos EUA, mas no mundo inteiro. O planeta virou um verdadeiro palco, onde se apresentavam todos aqueles que não concordavam com as condições em que viviam: negros, estudantes, homossexuais, mulheres, imigrantes e muitos outros decidiram lutar pelos seus direitos e foram às ruas nos tumultuados anos 60, os chamados *anos rebeldes*.

Muito se fala sobre a década de 60 como um momento sem precedentes, em que durante uma década, as pessoas puderam aspirar à liberdade, e as diversas manifestações e revoluções que tomaram conta de todos ambientes. Bem, entendo isto como um processo, onde os *beats* mantinham um modo de vida que demonstrava insatisfação à sociedade, de uma maneira limitada em principio, mas que ganha dimensões bem maiores nos anos seguintes, em que suas características são revividas. É clara a influencia dos beats sobre as movimentações posteriores, uma vez que estes:

“São os últimos boêmios e os primeiros membros da contracultura dos anos 60[...] Os estudos sobre os anos 60 mencionam de passagem os beats, mas é necessário mais que uma menção passageira. Não o marxismo e o maoísmo revividos, mas a sexualidade, as drogas, o misticismo e a loucura dos anos 60 devem muito aos beats”. (RUSSEL, 1990, p.77)

Percebe-se então o tamanho da importância desta Geração para movimentos posteriores e isto deve ser relatado. Da mesma forma em que os jovens demonstravam seu inconformismo para com a sociedade tendo em suas casas alguns livros de Marx e Lênin, estes também o demonstravam ao ter livros de autores *beats*. Não no seu sentido puramente político, mas num sentido de ser anti-sistema: os ideais políticos são totalmente diferentes e

nem devem ser comparados, porém os dois representam uma maneira de se rebelar contra a sociedade. Ou seja, em minha concepção, um jovem naquele momento demonstraria algum tipo de insatisfação levantando ao alto *O Capital* (livro de Karl Marx) como também o faria levantando ao alto *Pé na Estrada*. São concepções políticas diferentes, mas pelos seus conteúdos ideológicos, representavam uma ameaça ao sistema capitalista tecnocrata.

Apesar da influencia clara da Geração Beat sobre os anos sessenta, existem algumas diferenças visíveis entre as duas gerações. Uma delas inclusive é justamente essa questão da política, já que, enquanto os *beats* demonstravam serem “apolíticos”, no sentido de questionarem o fato do exercício da política ser representada apenas no âmbito político-partidário, na década de 60, uma grande parte dos jovens assumia concepções políticas relacionadas principalmente ao socialismo como também se integravam em partidos de esquerda. Ou seja, o sentido da ação política era diferente. Outra diferença também visível eram os ambientes que estas gerações freqüentavam e a maneira como a luta acontecia. As dimensões se ampliaram, em que

Ao invés dos bares pequenos e enfumaçados onde os Hipsters e Beatniks com traços existencialistas europeus ouviam Jazz e curtiam seus baratos, na década de 60 os acontecimentos políticos são nas ruas e reúnem grande numero de pessoas, os festivais de musica são ao ar livre e reúnem milhares de pessoas, ou seja: a utopia estava nas ruas, havia musica em todos os lugares e a revolução estava no ar, soprando no vento. (BUENO e GOÉS, 1984, p.90).

Algo também muito importante, que foi claramente iniciado pelos *beats* e tornou-se grandes movimentos da *Contracultura* nos anos 60, foi a luta pelos direitos das minorias raciais e os excluídos. Os *beats* abriram portas para a revolução sexual da década de 60, ao formarem uma grande oposição aos padrões morais estabelecidos para o sexo. Isso foi essencial na luta dos homossexuais, que buscam direitos, tentam combater preconceitos e entrar realmente na sociedade; uma luta que se arrasta e até hoje, mas obteve grandes avanços. E também foi de grande relevância para o movimento feminista, que cresceu muito nos anos 60, em que a mulher lutava incessantemente pelo seu lugar na sociedade. Sua liberdade tinha aumentado muito desde que ocupou o mercado de trabalho durante a Primeira Guerra Mundial, mas a injustiça continuava grande. As mulheres lutavam contra o que a sociedade machista condicionava a elas: à mulher cabia o papel de dona-de-casa, mãe e esposa. Elas queriam os direitos que os homens tinham e sua liberdade individual. Os resultados dessa luta foram enormes, e como o historiador Eric Hobsbawn diz, a mulher criou laços de vez na sociedade a partir do momento em que entraram nas universidades, sendo a conquista de seus direitos o fato mais significativo do século XX. (HOBSBAWN, 1995, p.308).

A luta pelo direito dos negros também foi grande, principalmente nos EUA. Como vimos, a sociedade americana era extremamente conservadora e racista, onde os negros eram marginalizados e postos à parte da sociedade. A injustiça era muito grande, mas aquela sociedade permitia verdadeiras crueldades contra os negros. Sinal disso era a força da Ku Klux Klan, uma organização racista e de extrema-direita que pregava a supremacia branca, realizando diversos atentados contra os negros, chegando a ter cerca de 4 milhões de membros em 1950. Mas a luta pelos direitos dos negros se intensificou na década de 60, tendo na figura de Martin Luther King seu líder maior, embora não único. Luther King comandou diversas manifestações em favor dos negros na década de 60 e pregava o pacifismo como método de luta. Outras organizações de luta armada também foram importantes, como os Panteras Negras.

É de grande relevância observar que os *beats* foram essenciais para a expansão da luta pelos direitos dos negros na década posterior, pois a associação de seus integrantes com os marginalizados e *outsiders*, incluindo negros, da sociedade americana da década de 50,

Introduz, via Geração Beat, elementos anti-racistas na cultura americana, porque sempre promoveu o contato, a miscigenação, cultural e fisicamente, mesmo que às vezes de maneira ingênua. (BUENO e GOÉS, 1984, p.20)

Podemos ver claramente que as formas de luta e as maneiras de se expressar entre os *beats* eram diferentes daqueles que eram realizados na década de 60. A Beat, antes de movimento social e comportamental, era um movimento literário, e era através principalmente dos livros que seus integrantes se expressavam, além de suas atitudes. Já, grande parte dos movimentos rebeldes dos anos 60 caracteriza-se por serem movimentos de confrontos, de lutas, de passeatas nas ruas. E pelo fato de ambos baterem de frente com o sistema, podemos fazer uma associação entre eles, como salienta Cláudio Willer: “Assim como o surgimento da beat é marcado por tentativas de censura dos textos, a contracultura o foi pela ação policial direta” (WILLER, 2009, p.107). Como detinham maneiras diferentes de atuar, também tiveram maneiras diferentes de serem combatidos pelo Estado.

Como disseram os próprios autores da *beat*, este movimento acabou quando este tornou se nacionalmente conhecido no final da década de 50. Embora características essenciais desta Geração tenham acabado ou tomado outras proporções, com alguns autores fora de cena, principalmente Jack Kerouac, outros autores continuaram na ativa, escrevendo muitos livros e até participando de toda aquela movimentação que ocorria na década de 60. É o caso, por exemplo, de Allen Ginsberg. Talvez fosse justamente isso que o escritor queria

para a Geração Beat, que ela desembocasse em diversos movimentos sociais que tomassem conta de todo o país. Ginsberg, além de ter sido uma influência para aquela juventude, acabou tornando-se uma espécie de líder para ela, já que acabou tomando a frente de diversos protestos que ocorreram nos EUA e na Europa, juntando-se a diversos grupos e lutando pelo direito de todos. A poesia de Ginsberg sempre teve um caráter de protesto, portanto ressoou muito naquela década, sendo ele, como sugerem André Bueno e Fred Góes,

“... quem fez a ponte entre a Geração Beat e a Grande Década (os anos sessenta). O mágico murmurador de mantras poético-políticas tornou-se um dos grandes símbolos das rebeliões do desejo juvenil naquela década, estando em todas: organizações de marchas de protesto, festivais de música, recitais de poesia...”. (BUENO e GOÉS, 1984, p.81).

O fato de Ginsberg ter sido considerado um dos reis de maio na Europa nos revela algo curioso: a Geração Beat sempre foi mais lida, mais conhecida, mais divulgada e traduzida em certos países da Europa que nos próprios EUA. E isso faz algum sentido, já que os autores beats tinham grande influência de escritores e pensadores europeus, além de realizarem diversas viagens para a Europa. (WILLER, 2009)

De todos os movimentos que a Geração Beat influenciou, é de certo no movimento Hippie que essa influência fica mais clara. Pode-se dizer que este movimento surgiu em meados da década de 60 nos EUA e rapidamente se expandiu por todo o país e pelo mundo. Os *hippies* eram jovens que incorporaram todo aquele espírito de *Contracultura* e através de seus comportamentos de rejeição à sociedade de consumo e de um extremo pacifismo, lutavam contra o sistema opressor. Fica muito clara essa herança que os beats deixaram aos *hippies*, em que é justamente a resistência contra o *establishment* e o poder tecnoburocrático e seus métodos de controle e manipulação de corações e mentes, o legado *beat* assumido pelos *hippies*.

Como já foi dito, algo que também foi herdado dos beats e aprofundado pelos hippies foi a assimilação de culturas orientais e o uso de drogas alucinógenas. O Zen-Budismo, o Hinduísmo, o Ioga entre outras filosofias e atividades vindas do Oriente eram praticadas e assimiladas pelos *hippies*, na tentativa de fugir mental e espiritualmente daquela sociedade de consumo em excesso, onde somente o dinheiro era valorizado. Em razão disso, muitas pessoas começaram a realizar viagens à Índia, para apreciar um novo tipo de filosofia e aprender com os orientais as coisas que realmente deveriam ser valorizadas, como a paz, o amor e o êxtase da vida.

O uso de drogas também é algo fundamental para entender o movimento *hippie* e toda a geração dos anos 60. Os hippies usavam drogas, principalmente alucinógenas, com o

objetivo de expandir a consciência, adquirirem altos níveis de sensibilidade, onde o LSD, ou ácido lisérgico, era a droga mais consumida com esta intenção. A maconha, a mescalina, o ópio, dentre outras drogas, também era muito usadas pelos jovens. Desde os anos 50, as “drogas visionárias” já eram estudadas em importantes centros de produção científica, e dentre esses cientistas, um teve muita notoriedade: Timothy Leary. Ele se opunha aos métodos psicanalíticos e psicológicos tradicionais e dizia que as “drogas visionárias” estimulavam a criatividade e expandiam a consciência, contribuindo para uma mudança de comportamento. Leary realizou diversas experiências com drogas ao longo de sua vida, tornando-se uma espécie de guru para aquela geração, sendo inclusive chamado de o homem mais perigoso do mundo, pelo presidente americano Richard Nixon. Outro personagem marcante, que também defendia o uso do LSD era Allan Watts. Ele era considerado o sumo sacerdote do zen-budismo e acreditava que o uso do LSD era uma experiência mística. Watts era um pregador da revolução psicodélica, onde através do uso de drogas, o homem era considerado em sua totalidade e buscava uma conscientização cósmica. Timothy Leary e Allan Watts foram personagens marcantes dentro da Contracultura americana, e nos revelam o tamanho da importância que as drogas tinham dentro do cenário do movimento *hippie*.



“Pensamos, geralmente que a intuição e o intelecto, a poesia e a lógica, a espiritualidade e a racionalidade são incompatíveis. No meu entender, o que há de mais impressionante na experiência do LSD é justamente que estes campos, formalmente contrários, parecem completar-se”. (WATTS, 1972, p.136)



“Os sistemas sociais, incluindo a instituição da saúde mental, são projetados para beneficiar aqueles que os controlam. Como o comunismo e o cristianismo, a psicanálise era uma ortodoxia reverenciada que trouxe respeitabilidade e fortuna para uma elite”. (LEARY, 1989, p.129).

O movimento *hippie* tem algumas características marcantes: apresentam um sentido comunitário muito forte, onde a maioria procura viver coletivamente num ambiente em que todos se ajudam. São grandes respeitadores da natureza, e acreditam que devemos tratá-la bem para se ter uma harmonia com o planeta. Estimula que as pessoas devem viver no campo, plantando seus alimentos e sobrevivendo apenas do verde. Os *hippies* eram vegetarianos em sua maioria. Além de tudo, desenvolviam formas alternativas de atuação política, caracterizadas, sobretudo, pelo seu estímulo ao uso da imaginação, o espontaneísmo e o pacifismo. Era também conhecido *Flower Power* (Poder das Flores), já que era comum a distribuição de flores em suas passeatas. Diziam que era melhor que as pessoas usassem flores ao invés de armas. O modo de vida que os *hippies* mantinham, totalmente livre, desbundado, informal, pacifista era, por si só, de uma extrema essência política.

Num mundo marcado por guerras e violência, esse tipo de atitude revela uma preocupação com o bem-estar das pessoas. O movimento *hippie* foi muito impulsionado pelo protesto contra a Guerra do Vietnã, uma guerra realizada ainda pelo clima de paranóia anticomunista americano e que, segundo entendiam, não tinha motivos para estar ocorrendo. Mais de um milhão de jovens foram mobilizados para este conflito, onde o número de mortos foi enorme e não se teve qualquer tipo de sucesso. Os *hippies* comandaram as manifestações contra a Guerra, mobilizando grande parte da população. A elite e o Estado reprimiam os *hippies*, classificando-os como vagabundos, mas sua força política era uma muito grande, e era exercida pela própria forma de como se comportavam diante da sociedade.

O movimento de juventude radical – o dos “hippies”, por exemplo – projeta-se para além do sistema. Afirma-se não pela contestação, mas pela radicalidade da omissão, demonstrando que, só assim, partindo do nada, do anti-sistema, é possível criar algo novo [...] Ao contrário dos estudantes, os hippies não são domesticáveis pelo sistema porque se fecham, pelo isolamento, a qualquer tentativa de negociação. Não jogam com a politização e sim com a adesão espontânea. Não tentam se articular com outras forças sociais, mas objetivam, meramente, a expansão da recusa”. (GONÇALVES, 2007, p.80)

A década de 60 também foi muito marcada pelos grandes festivais de música que ocorreram. A música teve um papel fundamental como canção de protesto nessa década tão conturbada. O Jazz, o Folk, o Blues e o Rock foram as músicas da década, lançando diversos artistas magníficos, como: Bob Dylan, Buddy Guy, Joan Baez, The Beatles, The Rolling Stones, Jimi Hendrix, The Doors, entre muitos outros que lançaram hinos daquela geração. Os

Festivais de Musica não eram apenas shows: tornavam-se palcos para grandes manifestações. Podemos citar os festivais de Monterrey, Altamont, Isle of Wright e Woodstock. Este ultimo com certeza foi o mais grandioso por ter sido um evento sem precedentes. Reuniu cerca de meio milhão de pessoas por três dias seguidos, onde grandes estrelas da musica se reuniram e todos puderam viver num clima de paz e harmonia, em total contraste com o que ocorria na época. Woodstock foi um momento marcante, pois alem de ter sido um grande evento musical, foi um grande protesto à Guerra do Vietnã que os EUA conduziam e à violência e desigualdade que o mundo vivia. Por três dias, as pessoas puderam apenas viver livres. Talvez tenha sido o auge do movimento *hippie*

Como pudemos ver os pequenos encontros entre os *beats* tomaram outras dimensões, nos anos 60, com os grandes festivais de música. Mas pode-se notar diferenças: enquanto o sonho *beat* proliferou, o sonho da década de 60 foi perdendo força aos poucos. Se o Festival de Woodstock foi pacifico e harmonioso, o de Altamont foi violento e baixo-astrol (BUENO e GOÉS, 1984).

Uma das imagens mais marcantes da década de 60 ocorreu em Woodstock, com Jimi Hendrix tocando o hino nacional americano em sua guitarra distorcida, imitando o som de bombas, diante de uma grande multidão, que só queria viver em paz.



Segundo John Lennon, no inicio dos anos 70, o sonho tinha acabado. Não sei se é totalmente verdade, mas a década de 60 realmente formou um período único na História Mundial. Grande parte do mundo começou a sonhar que as coisas poderiam ser melhores, e lutaram por isso. Muitos não conseguiram, mas ocorreram muitas vitórias. A Geração Beat, pelo menos nos EUA, representou o inicio deste sonho, em que

“O espaço que se abriu, que foi aberto, e que foi trilhado pelos jovens, pelos ativistas, pelos dissidentes e pelos desbundados dos anos 60, era muito maior, as opções mais variadas, mobilizando um numero imensamente maior de pessoas que

na Geração Beat, o que pode ser resumido numa frase: tudo parecia possível".
(BUENO e GOÉS, 1984, p.89).

4 CONCLUSÃO

"Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os criadores de caso. Os pinos redondos nos buracos quadrados. Aqueles que vêem as coisas de forma diferente. Eles não curtem regras. E não respeitam o status quo. Você pode citá-los, discordar deles, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que você não pode fazer é ignorá-los. Porque eles mudam as coisas. Empurram a raça humana para a frente. E, enquanto alguns os vêem como loucos, nós os vemos como geniais. Porque as pessoas loucas o bastante para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam." Jack Kerouac

É possível dizer que grandes acontecimentos na História ocorrem por meio de processos, em que um conjunto precedente de acontecimentos sinaliza possibilidades do que está por ocorrer, formando uma corrente de opiniões e atitudes, para então “abrir as portas” para situações posteriores. Ou seja, para que se observem mudanças significativas dentro da sociedade, algumas pessoas ou grupo de pessoas detectam os problemas dentro dela, e de algum modo catalisam forças sociais de todos os que se sentem injustiçados para sugerir um novo projeto de vida coletiva. E, na minha concepção, é justamente isso que ocorre dentro do processo da *Contracultura* americana. Seria equivocado e exagerado afirmar que a *Geração Beat* foi um estágio inferior da *Contracultura* ou que todos os movimentos de protesto devem-se a existência dos *beats*. O que se deve entender é que, na sociedade americana do pós-guerra, havia um descontentamento latente, só que era totalmente reprimido pelo modelo de vida que o poder constituído propagava como sendo o melhor, sem esquecer, é claro, de um forte grau de adesão de uma parte importante desta sociedade em relação aos valores que eram propagados e disseminados. A partir daí, ou seja, desse inconformismo latente é que se deve perceber a relevância da *Geração Beat*, pois é neste momento que ela surge, apresentando críticas duras àquele modelo de sociedade, podendo ser considerados talvez os primeiros a contestarem abertamente o modo de vida americano típico. Com seu fortalecimento dentro do EUA e sob algum nível de influência dos *beats*, se verificou o surgimento de vários outros movimentos, com fortes denúncias e críticas às desigualdades e injustiças presentes no país e aos valores e comportamentos que se queria apontar como adequados à vida civil e política americana.

A *Beat Generation* foi uma Geração de inquietos pensadores, no entanto de pessoas normais e não heróis, que valorizavam o poder da amizade, que escreviam com espontaneidade sobre o que pensavam, sobre as pequenas coisas que em geral deixamos de lado ou não damos tanta atenção. E talvez sejam as pequenas coisas que a vida nos oferece,

que sejam as melhores de fato. Vivemos num mundo hoje, em que a competição entre as pessoas é muito grande, a mercantilização, a ganância e o egoísmo são absolutamente presentes. A sociedade está num nível industrial-tecnológico tão exorbitante, que mal conseguimos pensar, pelo menos criticamente. E é dentro daquela sociedade americana dos anos 50, em que o conservadorismo era enorme e o consumo era desenfreado, que podemos perceber a importância dos *beats*, que além de valorizarem televisões ou geladeiras, valorizavam, sobretudo as viagens e os encontros humanos, onde tinham a oportunidade de trocar experiências. Em poucas palavras diria que foi uma geração que deu enorme importância a amizade. E isto, convenhamos, não é pouco...

REFERÊNCIAS

- BIZELLO, Aline Azeredo. **Caio Fernando Abreu e Jack Kerouac: Diálogos que atravessam as Américas**. Dissertação de mestrado. Letras/UFRS. 2006.
- BUENO, André; GÓES, Fred. **O que é Geração Beat**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. Porto Alegre: L & PM, 1984.
- GONÇALVES, Denise Oliveira. **Avesso e direito: Um estudo da composição indumentária hippie**. Monografia de conclusão de curso. Historia/UFU. 2001.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos, O breve século XX 1914-1991**, Companhia das letras, São Paulo, 2004.
- KEROUAC, Jack. **On the road** (Pé na Estrada). São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MORAIS, Marcos Vinicius de. **Historia dos Estados Unidos: Das Origens ao Século XXI**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é Contracultura**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- JACOBY, Russel. **Os últimos intelectuais**. São Paulo: Trajetória Cultural/EDUSP, 1990.
- TOTA, Antonio Pedro. **Os Americanos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- WILLER, Cláudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2009.